

Integração de corpo, mente e espírito: a manutenção da saúde entre grupos rastafáris

DAVID JOSÉ SILVA SANTOS*

Resumo

Neste trabalho, tem-se como foco principal a realização de uma discussão sobre como a noção de saúde está presente na cultura Rastafári. Essa cultura busca nas tradições africanas, nos livros Essênicos e na Bíblia as suas principais fontes de inspiração para manterem-se sãos, em corpo, mente e espírito. Dentro dessa ótica, será dado destaque à questão da menstruação, analisando discursos conflitantes e convergentes sobre esse estado natural das mulheres em que o corpo por estar mais frágil pode sofrer influências externas poluentes e adoecer.

Palavras-chave: Tradições africanas; Holismo; Menstruação.

Integration of body, mind and spirit: the maintenance of health between groups rastafáris

Abstract

This paper focuses principally on a debate about how the notion of health is present in Rastafari culture. Situating its main sources of inspiration in African traditions, the Essenes, and the Bible, the culture seeks out sound and healthy bodies, minds, and spirits. Specifically, this paper highlights the question of menstruation in Rastafari, analyzing conflicting and convergent discourses about this natural state experienced by women during which the body, due to being more fragile, may be subject to external polluting influences and grow ill.

Key words: African traditions; Holism; Menstruation.



* **DAVID JOSÉ SILVA SANTOS** é graduado em História Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas. Mestre e doutorando em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia (Pós-Afro/CEAO). Membro da Linha de Pesquisa em Estudos Africanos do Pós-Afro.

Introdução

Este trabalho discorre sobre como a noção de saúde está presente entre grupos rastafáris. Entende-se por grupos rastafáris organizações e/ou “Ordens” rastafáris como, por exemplo, a “Associação Cultural Nova Flor” de Salvador/BA, “Ordem Boboshanti” localizada em Bull Bay na fronteira entre St. Andrew e St. Thomas, Jamaica e a “Ordem Doze Tribos de Israel” de Kingston também na Jamaica, dentre outras. Utilizando o termo dessa forma busca-se não generalizar o movimento uma vez que existem formas diversas de vivenciá-lo tanto de forma individual quanto coletivamente em organizações.

Na primeira parte do texto, busca-se compreender as inspirações para a manutenção da saúde, a relação dos rastafáris com a medicina alopática, as alternativas criadas para se evitar a alopacia, além de compreender o que é estar são e doente no universo em questão.

A segunda parte do trabalho faz uma análise sobre a menstruação e o resguardo feminino, tema ligado à questão da saúde, em que também será perceptível na diversidade de opiniões e nas significações dadas a essa questão.

Para isso, foram analisados documentos de organizações rastafáris e análise de obras de autores que se debruçam sobre a temática, como Bezerra (2012), Rabelo (2006), Davis e Simon (1983), dentre outros. Também foi utilizada a aplicação de questionários e depoimentos colhidos com rastafáris de União dos Palmares/AL, Porto Alegre/RS e São Paulo/SP. O conteúdo das perguntas foi sobre o que é saúde, o que é estar são, o

que é estar doente, quais as inspirações para as práticas de cura, como entendem a menstruação.

A abordagem teórica utilizada parte da perspectiva de Bâ (2011), Honwana (2002) e Domingos (2014), referente às “tradições africanas” e à relação destas com as práticas de cura. O termo “tradição” aqui será utilizado a partir da reflexão de Granjo (2009, p.568), o qual indica que tal conceito deve ser entendido “como uma permanente reapropriação e renegociação dos referentes partilhados há algum tempo pelo grupo e dos novos referentes com que este se vai confrontando, em função de condições de vida, de necessidades e de correlações de forças também elas mutáveis”. A concepção de “pureza e impureza” foi analisada sob a ótica de Douglas (2012). O conceito de *ethos* utilizado é o de Karenga (*apud* ASANTE, 2014, p.37) que, nas palavras do referido autor, serve “para delinear as características mais salientes da vida de um povo”. Dito de outra forma, são as características próprias de um determinado povo ou grupo social que os diferencia de outros grupos.

1. A noção de saúde na cultura Rastafari¹

Em uma das publicações do Instituto Congo Nya/RS², intitulada “Mulher Rastafari”, possui um anexo relacionado à saúde que descreve:

Este tema é de vital importância, pois devemos conhecer como atuar diante de algumas doenças, sem ter necessidade de ir a médicos ou hospitais, que mais do que buscar a cura de uma doença, termina enchendo a pessoa com gastos desnecessários e drogas prejudiciais ao

¹ Ressalta-se que essa análise não representa a visão de todos os rastafáris, é um trabalho baseado nas referências citadas, assim como nas informações cedidas por alguns rastafáris.

² Essa organização não existe mais, embora seus antigos integrantes continuem vivenciando a cultura Rastafari.

seu templo (...) (OMEGA NYAHBINGHI, 2008, p. 101).

A citação acima faz levantar alguns questionamentos: De onde os rastafáris tiram inspiração para suas práticas de saúde? Há consenso nessas práticas? Como se relacionam com a medicina Ocidental (alopática)?

No imaginário Rastafári o continente africano ocupa um lugar central. É possível ver essa relação na sacralidade dada ao Kebra Nagast³, a busca por redenção e repatriação para a África, e o próprio entendimento de que Rastafári é uma cultura africana. Há rastafáris que buscam se isolar ao máximo da sociedade da qual faz parte, criando comunidades onde buscam resgatar e vivenciar o “modo de vida africano” tido como “original”, no qual vivenciam na prática a integralidade do mundo físico e espiritual. As palavras do Sacerdote da “Ordem Boboshanti” “Priest Ricardo Red Lion” explicitam essa realidade:

O principal objetivo do homem e da mulher Rastafári é liberdade, redenção e internacional repatriação. África para os africanos em casa e nós no estrangeiro. Pegar de volta a nossa soberania, pegar de volta a nossa primeira cidadania. Esse é o objetivo do homem Rastafári, voltar para a África mental, espiritual e fisicamente(...) É uma cultura de reeducação africana(...) Rastafári é uma cultura africana.⁴

Dessa forma, as práticas de cura e de manutenção da saúde também são inspiradas nas “tradições africanas”. Ao

tratar sobre tais tradições, Bâ (2011) afirma que:

(...) Deve-se ter em mente que, de maneira geral, todas as tradições africanas postulam uma *visão religiosa do mundo*. O universo visível é concebido e sentido como o sinal, a concretização ou o envoltório de um universo invisível e vivo, constituído de forças em perpétuo movimento. No interior dessa vasta unidade cósmica, tudo se liga, tudo é solidário, e o comportamento do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo que o cerca (mundo mineral, vegetal, animal e a sociedade humana) será objeto de uma regulamentação ritual muito precisa cuja forma pode variar segundo as etnias ou regiões.

A violação das leis sagradas causaria uma perturbação no equilíbrio das forças que se manifestaria em distúrbios de diversos tipos. Por isso a ação mágica, ou seja, a manipulação das forças, geralmente almejava restaurar o equilíbrio perturbado e restabelecer a harmonia, da qual o Homem, como vimos, havia sido designado guardião por seu Criador. (...) (BÂ, 2011, p. 173).

Logo, no contexto das tradições africanas, de forma geral, como ressalta Bâ (2011), estar com saúde é viver em harmonia com o mundo animal, vegetal, mineral e a sociedade (material) e o espiritual (imaterial).

Honwana (2002), comprehende que saúde é um estado natural de todos os seres

dinastia salomônica em terras etíopes da qual acreditam os rastafáris que Hailé Selassié seja descendente.

⁴ Entrevista concedida em 29/11/2014 ao Programa “Kaya na Real” apresentado por Mazzola Vasconcelos na TV Maceió. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoF-zgMyFrA>. Acesso em 16/08/2016.

humanos, e dessa forma, estar com falta de saúde é indício de uma anormalidade, desequilíbrio tanto físico quanto social (que engloba o espiritual). Nas palavras da autora: “Saúde define-se, assim, pelas relações harmoniosas entre os seres humanos e o meio ambiente, entre eles e os seus antepassados e entre estes e o meio ambiente” (HONWANA, 2002, p. 208).

Domingos (2014), ao discorrer sobre saúde e doença nas culturas africanas tradicionais, aponta que a doença é uma rotura da relação harmônica entre os homens e a natureza, sendo as práticas de cura indissociáveis do universo simbólico em questão, ou seja, a cura se dá pela harmonização espiritual e física.

Essa visão holística é compartilhada por grupos rastafáris. É possível comprovar essa afirmação com os relatos que se seguem: “Saúde é integralidade, equilíbrio, harmonia dos corpos físicos e espirituais” (JOSELAINE I, 25/11/2012), ou ainda, “saúde é estar em perfeito equilíbrio e harmonia com a Criação, em respeito e união, tranquilo de coração, mente e espírito. Com um espírito tranquilo, em paz, a mente está calma e o corpo imune e protegido das doenças, diante da postura positiva(...)” (LUÍSA BENJAHMIN, 25/11/2012).

Retomando Bâ (2011), o autor ainda reflete os motivos que geram as enfermidades, essas por sua vez, são causadas pelas desobediências das leis sagradas. Domingos (2014) acrescenta que:

(...) é perfeitamente normal, (...) na cultura Africana tradicional quem não tenha cumprido devidamente as suas obrigações: os ritos e rituais determinados pela tradição familiar em relação a seus antepassados sofra com as consequências nefastas, a rotura de harmonia, o

desequilíbrio, a doença. (DOMINGOS, 2014, p. 173)

Outra fonte de inspiração basilar para grupos rastafáris, e que coaduna com as reflexões de Bâ (2011), Honwana (2002) e Domingos (2014), são os livros do “Evangelho Essênio da Paz”, uma vez que, lá, também são identificadas referências de como os indivíduos encontrarão o equilíbrio das forças física e espiritual, como é possível ver no trecho abaixo:

Muitos doentes e aleijados se aproximaram de Jesus, perguntando-lhe: ‘Se conhecéis todas as coisas, dize-nos: Por que nós sofremos com estas penosas calamidades? Por que não estamos sadios como os demais homens? Mestre cura-nos, para que nós também possamos tornar-nos fortes e não tenhamos que viver por mais tempo nosso sofrimento (...)

(...) E Jesus respondeu: “felizes sois vós que tendes fome da verdade, pois eu vos satisfarei com o pão da sabedoria”. (...) Felizes sois vós que rechaçais o poder de Satã, pois eu vos conduzirei ao reino dos anjos de nossa Mãe, onde o poder de satã não pode entrar.

E eles perguntaram-lhe, pasmados: “Quem é nossa Mãe e quais são seus anjos?”

Vossa Mãe está em vós, e vós n’Ela. Ela vos deu à luz e Ela vos dá vida. Foi Ela quem vos deu vosso corpo, e a Ela devolvereis algum dia. Felizes sereis vós quando chegardes a conhecê-la, assim como a Seu reino; se receberdes os anjos de vossa Mãe e cumprirdes Suas leis. Em verdade vos digo quem fizer isso nunca conhecerá enfermidades. (OMEGA NYAHBINGHI, 2012, p.11).

Nessa perspectiva, aqueles que seguirem as leis da Mãe da criação jamais conhecerão a enfermidade. Luísa

Benjahmin descreve a relação com as leis sagradas da seguinte forma:

A questão de saúde e doença tem a ver com o equilíbrio com a Criação de Jah Rastafári. A vida em perfeita sintonia com a Mãe Terrena, nos alimentando do que ela proporciona livre de alimentos industrializados e com veneno, como se chama no Rastafári: *Ital*, alimento vivo, natural. Da mesma forma, no caso de algum desequilíbrio a saúde é buscada nessa mesma fonte: a Criação, nas plantas, pedras, na terra, em práticas de cura naturais. Não há um tabu, na minha visão, na busca de práticas, digamos ‘modernas’ de cura e tratamento, mas naturalmente se busca sempre se restabelecer esse equilíbrio primeiramente de forma natural direto com o contato com a Mãe, pois isso é natural, dentro das formas de vida tradicionais e naturais. (LUÍSA BENJAHMIN, 24/10/2012)

Assim, a busca pelas práticas naturais de manutenção da saúde tem a ver com a criação, e, para manter-se viva(o) e sã (são), é necessário buscar o que é oferecido pela assim chamada “Mãe terrena”, ou seja, tudo o que é natural e ancestral. Dessa forma, a alimentação é de base vegetariana, livre de produtos químicos e alimentos à base de violência e morte como carnes⁵ e seus derivados. Essa alimentação é denominada de *Ital-food* (derivação de vital), comida natural e pura (BERMÚDEZ, 2005).

E por entender o mundo de forma holística, a manutenção da saúde entre grupos rastafáris, também perpassa pela alimentação que não deve ter sua origem na violência nem na morte. Para que assim, seus corpos, que são considerados

⁵ Há rastafaris que comem alguns tipos de peixes, e alimentos derivados de animais como leite e queijo (BERMÚDEZ, 2005).

templos, não sejam profanados se tornando um cemitério (depósito de restos mortais), o que geraria infortúnios e doenças.

Além disso, dá-se preferência à formas de tratamento e cura naturais, oriundas, dentre outras coisas, das ervas medicinais, e, para isso, é necessário o entendimento do corpo.

Porém, como os mesmos se relacionam com a medicina ocidental ou alopática? Nas pesquisas realizadas, nota-se que alguns rastafáris tendem a perceber a alopata como algo nocivo por não se ater a métodos naturais e por fragmentar o ser humano do seu todo físico e espiritual, transformando-o numa cobaia de laboratório. Alguns, inclusive, dizem não tomar vacina nem fazer transfusão de sangue. Joselaine I se refere da seguinte forma sobre a alopacia: “desintegra o ser e o usa como cobaia de indústrias farmacêuticas, [ou ainda] que fragmenta o ser e o vê apenas constituído como um corpo físico, fruto do ‘cientificismo físico’ e que não comprehende o ser vivo” (JOSELAINE I, 25/11/2012).

Já Thiago Correia “Quilombola de Zion”, fala sobre essa questão de uma forma diferente. Ele relata que:

“Uma certa parte da nação Rastafari não faz transfusão de sangue ou talvez rejeita ordens médicas... Já dentro da Congregação Israelita Africana, do qual Padre Emanuel é o cabeça segundo a Ordem de Melkisedec (Hebreus 7) euIeu^[6] preserva a vida, pois euIeu se precisa de ordens médicas para se ter vida que venha JAH RASTAFARI com suas mãos através dos médicos” (THIAGO CORREIA ,13/12/2012).

⁶ Eu e EU (*I and I, InI, euIeu*) no universo Rastafári pode ter o significado de: Eu e o Deus que habita dentro de nós.

Dessa forma, a rejeição da dita medicina alopática ou ocidental não é uma unanimidade, variando de indivíduo ou de organização para organização. Em algumas comunidades rastafáris existem pessoas responsáveis pelas práticas de cura, sendo conhecidos como *Bushdoctor* ou *Bushman*, ou seja, um terapeuta, que: “conhece as plantas, os remédios naturais da terra e as forças da natureza e sabe como manipulá-las pra estabelecer o equilíbrio integral do ser: espírito mente e matéria” (LUÍSA BENJAMIN, 01/12/2012).

No filme chamado *Roots Time* é possível ver a figura do *Bushdoctor*. No texto filmico, dois rastafáris vendedores de disco na Jamaica, de nomes Jah Bull e Badoo, dão carona para um famoso locutor de rádio chamado Farmer Root's. Este estava desesperado para ir a um hospital, pois sua namorada estava doente e, tanto Jah Bull como Badoo, por não acreditarem na medicina ocidental, recomendam que Farmer Root's procurasse um terapeuta conhecido como Bongo Hu. Farmer Root's diz não querer nada com os terapeutas e prefere ir ao hospital, porém, é convencido a ir às montanhas afastadas da cidade para que sua namorada seja examinada pelo terapeuta Bongo Hu.

O filme não mostra a namorada de Farmer Root's sendo curada apenas entrando na casa do Bongo Hu. Porém, ficou subentendido que a cura aconteceu, uma vez que seu namorado, Farmer Root's, aparece na cena final do filme, apresentando seu programa de rádio, feliz e agradecendo e louvando a Jah.

Esta breve narrativa mostra dois fatos: o primeiro refere-se a não existência de uma visão de mundo única entre os rastafáris, pois Farmer Root's, mesmo sendo rastafari, prefere a medicina ocidental em contraponto aos seus colegas também rastafáris, Bodoo e Jah

Bull, que buscam nas práticas naturais a manutenção da saúde. O segundo é a rejeição por parte de alguns rastafáris com relação à medicina ocidental, buscando para isso, práticas naturais exemplificadas na busca por Bongo Hu o *Bushdoctor*, o terapeuta ancião que, como dito acima, é “um conhecedor das plantas, das forças da natureza, sabendo como manipular tais forças para estabelecer o equilíbrio entre corpo/mente/espírito”.

Nessa busca pelo entendimento do corpo e manutenção da saúde, uma questão em especial merece destaque que é o período menstrual, e como será visto a seguir, possui opiniões divergentes sobre o sentido desse estado do ciclo feminino.

2. O resguardo do corpo/templo feminino

Mary Douglas (2012), no livro “Pureza e perigo”, discorre sobre práticas de pureza e impureza presentes em diversas culturas. Neste debate, a autora mostra que a percepção do que é ou não puro é relativo de sociedade para sociedade, ou seja, algo que pode ser considerado sujo em determinada cultura pode ter caráter de agente purificador em outra, como por exemplo, as fezes da vaca entre os havick que utilizam essa substância para remover graus maiores de impureza que não podem ser removidos apenas com água (DOUGLAS, 2012).

Para a referida autora, em determinadas culturas, o contato com sangue e com outras substâncias que são expelidas pelo corpo tornaria uma pessoa impura. Em suas palavras:

(...) quando rituais expressam apreensão sobre os orifícios do corpo, a contrapartida sociológica desta apreensão é uma preocupação no sentido de proteger a unidade política e cultural do grupo minoritário. Os israelitas foram sempre em sua história uma minoria

sobre grande pressão. Em suas crenças, todas as coisas expelidas do corpo eram poluidoras: sangue, pus, excremento, sêmen etc. Os limites ameaçados de seu corpo político estariam bem refletidos em sua preocupação pela integridade, unidade e pureza do corpo físico. (DOUGLAS, 2012, p.152-153).

Utiliza-se como exemplo, os povos israelitas pela ligação destes com os rastafáris, uma vez que estes utilizam as leis contidas na Bíblia para direcionar suas vidas. Dessa forma, dentro do universo em questão – o Rastafári – tenta-se, de forma breve, explanar como a menstruação, é compreendida dentro do *ethos* da cultura Rastafári.

De acordo com Margaret (apud BERMÚDEZ, 2005), entre os Boboshanti⁷ há alguns costumes característicos com relação às mulheres menstruadas. Ela relata que:

[...] Durante vinte e um dias permanecem em casa, considerando os sete dias anteriores à menstruação, os sete dias em que estão com o período e os sete dias seguintes enquanto dura este período, uma bandeira vermelha avisa sobre seu estado. Ao concluir estas três semanas, é uma bandeira branca que dá a notícia. Só então podem estar com seus maridos, resultando o único método natural de planejamento familiar.

Durante os sete dias centrais em que estão “sujas”, somente lhes é permitido rezar três vezes ao dia (os demais fazem o dobro de vezes), não podem ler a Bíblia nem cozinhar, nem sequer falar com alguém; em caso de necessitar de algo, devem escrever, ou bater

palmas e esperar que uma mulher mais velha (já sem menstruação) as atenda.⁸ (BERMÚDEZ, 2005, p.99, tradução livre).

Uma melhor compreensão referente a descrição acima, foi possível a partir do diálogo com Itege Carol Jafet, segundo a qual, para seguir o processo acima citado, passo a passo, é necessário um nível de maturidade na vivência Rastafári muito grande, fato que nem todas as mulheres conseguem vivenciar plenamente. Muito dessa dificuldade ocorre pelas pressões sociais da sociedade capitalista, em que a “correria” diária pela sobrevivência gera de certa forma tais impedimentos.

Em algumas culturas africanas – especificamente da costa oriental da África – a mulher menstruada não pode cozinhar, pois a mesma está infértil e dessa forma “passaria impureza para a comida”, da mesma forma ela também não poderia plantar nem colher. Honwana (2002, p. 235), acrescenta que a “mulher no período menstrual é considerada impura e poluída em virtude de o sangue ser um símbolo de perigo e de impureza. Quando menstruadas, as *vanyamusoro* [terapeutas] devem evitar o contato com os seus medicamentos e instrumentos rituais”.

Entre grupos rastafáris há uma situação semelhante narrada por Rabelo (2006), onde é dito: (...) “No entanto, conforme o tópico anterior, ela estava proibida de cozinhar durante a sua menstruação e, muitos rastafáris se recusavam a comer uma refeição preparada por qualquer mulher menstruada ou não” (...). Mais adiante é dito: (...) “As mulheres menstruadas eram proibidas, inclusive,

⁷ Ordem Rastafári fundada por King Emmanuel na metade do século XX na Jamaica.

⁸ Texto original: Durante los siete días centrales en que están “sucias”, solo se les permite rezar tres veces al día (los demás lo hacen el doble de

veces), no pueden leer la Biblia ni cocinar, ni siquiera hablar con nadie; en caso de necesitar algo, se deben manejar con notas escritas, o aplaudir y esperar a que una mujer mayor (ya sin menstruación) las atienda.

de se aproximar das plantações, especialmente, de ganja por causa da crença que esse estado era maléfico para as colheitas" (...). (RABELO, 2006, p. 459-460).

Referências como essa aparecem nas obras de outros autores. Albuquerque (1997) relata a proibição das mulheres rastafáris de dormirem com seus maridos quando estivessem menstruadas. Davis e Simon (1983), acrescentam que diversas formas de xingamento se baseiam no terror ancestral do ciclo menstrual, tais como: *Blood Clot* (duro), *Bumba Clot* (terrível), *Pussy Clot*, dentre outros.

Bezerra (2012), ao discorrer sobre a cultura rastafári e as relações de gênero, chama a atenção para interpretações literais androcêntricas e machistas dos textos do Antigo Testamento, pois a sociedade hebraica apresentava essas características. Na visão da autora, fatos como esse dificultaram de certa forma uma maior participação de mulheres na cultura Rastafári.⁹

Como já mencionado, essas práticas, assim como grande parte da vivência Rastafári, é também baseada na Bíblia, onde encontramos no capítulo 15 de Levítico várias referências sobre a menstruação (RABELO, 2006). Segue três exemplos, o 15:19: “A mulher, quando tiver o fluxo de sangue, se este for o fluxo costumado do seu corpo, estará sete dias na sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até à tarde”; 15: 20 “Tudo sobre que ela se deitar durante a menstruação será imundo; e tudo sobre que se assentar, será imundo” e, 15:22: “E qualquer que tocar alguma coisa, sobre o que ela se tiver assentado, lavará as suas vestes, e

se banhará com água, e será imundo até à tarde”

Assim, o afastamento das mulheres devido ao seu estado de menstruação, denota a ideia de que as mesmas estão poluídas pela excreção de sangue uma dentre tantas substâncias impuras.

Todavia, essa visão não é hegemônica entre os rastafáris, na medida em que Nascimento (2008) discorre a esse respeito da seguinte forma:

Nosso corpo é a nossa casa. Devemos resgatar os cuidados especiais, deixados pelos nossos ancestrais, e pô-los em prática para obter saúde: física, mental e espiritual.

A mulher no seu período menstrual deve se resguardar, abstendo-se de relações sexuais, comidas remorsas, temperos fortes.

Não molhar a cabeça no período de sangramento, estendendo-se no prazo de sete dias, prazo de todo fluxo menstrual do mês a ser finalizado. Observar a temperatura do corpo, ao se levantar, andar sempre com os pés protegidos, por exemplo, pé quente no chão frio é perigoso. O uso excessivo de absorventes é um fator de degradação do meio ambiente (plásticos), além do contato incômodo com as partes genitais. O velho paninho ainda é uma alternativa eficaz e higiênica se usado corretamente.

No mundo atual encontramos dificuldades para nos resguardar e conservar nosso corpo saudável e natural. Devemos nos manter sempre vigilantes, mulheres, dar preferência às roupas mais leves e soltas, deixando nosso corpo respirar, priorizar a alimentação

⁹ As questões específicas de gênero na cultura Rastafári não são o foco central desse trabalho. Reconheço a importância de um trabalho que

tenha essa temática no centro da análise, algo que está em meus planos me debruçar futuramente.

vegetariana, natural, integral e orgânica.

Façamos banho de assento com ervas deixadas pela Mãe Natureza. Tomemos banho de sol nas partes íntimas, preparando nosso corpo, atingindo nossas mentes. O contato com a natureza é fundamental. (NASCIMENTO, 2008, p. 84-85)

Esse trecho mostra a busca pelo conhecimento do corpo para poder praticar métodos de saúde, recomendando, entre outras coisas, o resguardo da mulher, sem nenhuma conotação de que no período menstrual a mulher esteja suja, ou que este estado natural feminino seja uma enfermidade e, dessa forma, que precise de alguma cura, pelo contrário, é um estado de total integração da mulher com a natureza e o mundo espiritual.

Os depoimentos abaixo explicitam essa visão:

Acredito que a mulher, quando entra em jornada, está colocando para fora uma parte de seu corpo que estava pronta para gerar uma vida. Sinto que é um momento de entregar para a Mãe Terra uma fertilidade minha que não foi utilizada para a geração de uma vida, mas que, em contato com a terra dará a mesma energia de geração às sementes que na terra se desenvolvem.

É um momento delicado, em que nossa energia vital está saindo de nós e sendo entregue a outro momento, por isso nosso corpo fica tão sensível às energias que vem de fora, sendo mais confortável para a irmã em jornada, que fique tranquila, em seu espaço, meditando, cuidando de seu corpo-templo, sem gastar energia; se estamos na babilônia sentimos que é necessário que nos protejamos física e espiritualmente quando nosso tempo vem, porque a mulher não é respeitada neste período e precisa

cumprir com algumas convenções babilônicas. Mas a mulher que vive na floresta, na comunidade, vive na integralidade este momento. (DANIELA BASTIAN, 25/11/2012)

Temos ainda a seguinte colocação:

Na bíblia está escrito que as mulheres devem estar em seu descanso celestial durante seu período menstrual. Nós chamamos de Período de Purificação. É um período especial para as mulheres. É um período sagrado. Elas devolvem o sangue a Terra com devoção e amor. Elas ficam juntas esse tempo, descansando, repousando seu corpo neste período. E, por elas ficarem juntas, aprendem umas com as outras, da mais velha a mais jovem, sobre a nossa cultura, estudam, leem e fazem trabalhos manuais; e principalmente descansam. (THIAGO CORREIA, 13/12/2012).

Os relatos acima permitem retomar as teorias elaboradas por Douglas (2012, p. 151), em especial, à referente ao ritual dos Coorgs, no qual é dito que: “Tratam o corpo como se fosse uma cidade cercada, cada entrada e saída guardada por espiões e traidores. Qualquer coisa que saia do corpo jamais deverá ser readmitida, mas rigorosamente afastada.” Dentro desse debate, a autora comprehende o corpo como um símbolo de uma sociedade, ou de um grupo específico e dessa forma esse(s) corpo(s) expressa o *ethos* desse grupo.

Assim, é possível compreender que as regras de pureza e impureza no universo Rastafári verbalizam uma relação com o mundo externo, em que o corpo (templo) feminino no período menstrual está debilitado e dessa forma necessita se resguardar se protegendo das influências “poluentes” da sociedade em que se está envolto, a qual denominam de

“Babilônia”, influências que podem ser geradoras de doenças e infortúnios.

Outra questão que vale destacar é que possivelmente a visão de uma parcela do Movimento Rastafári tenha mudado devido à maior inserção de mulheres no movimento, como afirma Joselaine I:

Há pouco tempo atrás este tema era tabu, por conta da pouca informação que os rastas tinham acesso e ao número de pouca expressão de mulheres na vivência. Ao longo dos últimos 10 anos, muito conhecimento foi resgatado e multiplicado entre as mulheres". (JOSELAINA I, 25/11/2012).

É perceptível que entre os rastafáris há diferentes visões a respeito dos temas aqui tratados e de inúmeros outros, até pela diversidade de indivíduos e organizações espalhadas pelo mundo. É relevante também destacar que os (as) rastafáris que contribuíram com esse trabalho buscam, em diferentes fontes, a sua inspiração para a manutenção da saúde, a saber: a Bíblia, os Livros dos Essênios, assim como nas culturas ancestrais africanas.

Considerações finais

O entendimento de que Rastafári é uma cultura africana e que busca uma reeducação africana, possibilita uma interpretação das práticas de manutenção da saúde a partir das reflexões de Bâ (2011), Honwana (2002) e de Domingos (2014), as quais refletem que as “tradições africanas” concebem os seres humanos como um todo integrado à natureza e ao mundo espiritual. Essa visão, como foi visto, é presente nos relatos dos(as) rastafáris que compuseram esse trabalho.

A rejeição à medicina ocidental não é uma unanimidade, uns buscam evitá-las, outros se utilizam de suas práticas, entendendo que Rastafári é uma “ordem”

de vida e, nesse caso, o que for utilizado em prol da vida tem a bênção de “Jah”.

No tocante à menstruação, também foi visto opiniões variadas, sendo um dos pilares a interpretação literal dos textos do Antigo Testamento, especificamente, o Levítico. Assim, a visão de que esse estado feminino denota algo sujo, impuro, é evidenciado inclusive pelo termo *Pussy Clot*, utilizado de forma pejorativa (xingamento).

Destaca-se, também, a relação (inspiração) com algumas culturas africanas que percebem a menstruação relacionada à esterilidade, na qual as mulheres não devem cozinhar, plantar, nem colher. Embora outras sociedades africanas, por exemplo, os “BaMbuti” da República Democrática do Congo veem na menstruação um motivo de festa, uma benção da lua.

Por fim, cabe destacar que o maior acesso de mulheres na vivência Rastafári possibilitou uma construção simbólica diferenciada do estado menstrual, o qual é percebido como um movimento da natureza tal como os ciclos da lua. Dessa forma, essa visão entende o ser humano como parte de um todo, ou seja, formado pelo mundo físico (animal, vegetal, mineral, sociedade) e espiritual.

Referências

- ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo: Editora 34, 1997.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**. Rio de Janeiro: Afrocentricity international, 2014.
- BÂ, Amadou Hampâté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2011, p. 167-212.
- BERMÚDEZ, Darío. **Rastafaris: La mística de Bob Marley**. Buenos Aires: Ed. Kier, 2005.
- BEZERRA, Débora Andrade Panplona. **O Movimento Rastafári: Da Jamaica para identidade e cultura em Fortaleza**. 2012. 315f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

DAVIS, Stephen; SIMON, Peter. **Reggae: música e cultura da Jamaica**. Lisboa: Centelha, 1983.

DOMINGOS, Luís Tomás. A complexidade da dimensão religiosa da medicina africana tradicional. **Mneme – Revista de humanidades**, n. 34, p. 167-189, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7108/5555>. Acesso em: 20/08/2016.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2.Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NASCIMENTO, Ludimila Pereira. O resguardo da mulher. In: NYAHBINGHI, Projeto Ômega (Org.). **Eu&Eu Realidade Rasta: Mulher Rastafári**. Porto Alegre: Ed. Deriva, 2008, p. 84-85.

GRANJO, Paulo. “Saúde e doença em Moçambique”. **Saúde e sociedade**, vol.18, n. 4, p. 567-581, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29484/31344>. Acesso em: 10/04/2017.

HONWANA, Alcinda Manuel. A base cultural da saúde e da doença. In: HONWANA, Alcinda Manuel. **Espíritos vivos, tradições modernas**. Maputo: Promédia, 2002, p. 207-241.

NYAHBINGHI, Projeto Ômega. **Eu&Eu Realidade Rasta: Mulher Rastafári**. Porto Alegre: Ed. Deriva, 2008.

_____. Projeto Ômega. **Eu&Eu Realidade Rasta: O Evangelho Essênio da Paz**. Porto Alegre: Ed. Deriva, 2012.

RABELO, Danilo. **Rastafari: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930 – 1981**. 2006. 565 f. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SOUZA, Luísa Andrade de. **Eu & Eu Realidade Rasta**. Volume 1, nº 1, Congo Nya – RS, Porto Alegre, janeiro, 2005.

Vídeos

ROOTS TIME. Direção: Silvestre Jacobi. Intérpretes: Llewelyn Samuda, Woolton Harrison e Louis Christie. Roteiro Silvestre Jacobi. 2006,77 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QMzALwROY>. Acesso em 10/12/2012.

Programa Kaya na Real. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CoF-zgMyFrA>. Acesso em 16/08/2016.

Entrevistas:

BASTIAN, Daniela. Depoimento colhido em: 25/11/2012. Entrevistador: David José.

BENJAHMIN, Luísa. Depoimento colhido em: 25/11/2012. Entrevistador: David José.

CORREIA, Thiago (Quilombola de Zion). Depoimento colhido em: 13/12/2012. Entrevistador: David José.

I, Joselaine. Depoimento colhido em: 25/11/2012. Entrevistador: David José.

JAFET, Itege Carol. Entrevista concedida em: 01/04/2014. Entrevistador: David José.

Recebido em 2018-06-19
Publicado em 2018-11-16